



PSICANÁLISE

Filipe Pereira Vieira

A interpretação psicanalítica

Revisitando Klein e Winnicott

Blucher

A INTERPRETAÇÃO PSICANALÍTICA

Revisitando Klein e Winnicott

Filipe Pereira Vieira

A interpretação psicanalítica: revisitando Klein e Winnicott

© 2025 Filipe Pereira Vieira

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenadora de produção Ana Cristina Garcia

Produção editorial Leonardo Santos e Andressa Lira

Preparação de texto Mariana Góis

Diagramação Thaís Pereira

Revisão de texto Sérgio Nascimento

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa “A terceira margem”, de Gisele Sperb, 2023 – 104 x 124 cm, acrílica e verniz sobre tela

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
[contato@blucher.com.br](mailto: contato@blucher.com.br)
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Vieira, Filipe Pereira

A interpretação psicanalítica : revisitando Klein e Winnicott / Filipe Pereira Vieira. -- São Paulo : Blucher, 2025.

232 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2581-2

1. Psicanálise 2. Klein, Melanie, 1882-1960
3. Winnicott, Donald, 1896-1971 I. Título II. Buzziol, Mário Antônio

25-0590

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

| | |
|---|----|
| Agradecimentos | 11 |
| Prefácio | 15 |
| Dois estilos, duas concepções <i>Alfredo Naffah Neto</i> | |
| Prólogo | 19 |
| Winnicott e Klein: o par perfeito para uma clínica viva e atual <i>Alexandre Patrício de Almeida</i> | |
| Introdução | 27 |
| Sobre a origem da pesquisa | |
| 1. Apresentação dos casos Richard e Piggle | 53 |
| 2. Breves considerações sobre a clínica de Melanie Klein: o sentido das interpretações | 73 |

10 CONTEÚDO

| | |
|---|------------|
| 3. Breves considerações sobre a clínica de D. W. Winnicott: uma ênfase na interpretação e no manejo | 135 |
| 4. Klein e Winnicott: aproximações e afastamentos na clínica psicanalítica | 189 |
| Considerações finais | 215 |

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço ao meu companheiro, Alexandre, por ter sido o impulso que motivou esse estudo. Com você, aprendi o quanto importante é se debruçar sobre a pesquisa, bem como as transformações que ela pode nos proporcionar, quando realizada com rigor. Este livro só foi possível devido às muitas “continências” que você dedicou a mim. A sua confiança – nítida em seu olhar – resultou na elaboração das minhas próprias incertezas diante desse cenário. *E quando eu senti que era um cardigã velho, debaixo da cama de alguém, você me vestiu e disse que eu era o seu favorito.* Obrigado por existir na minha vida e ser uma das razões do meu riso fácil.

Ao meu querido orientador, o prof. dr. Alfredo Naffah Neto, que me deu o seu voto de confiança quando me selecionou para ser o seu orientando. Não preciso tecer muitas considerações sobre a minha total admiração por sua didática e seu conhecimento, pois acredito que o brilho no meu olhar já evidencia isso. Tive muita sorte de viver essa experiência ao lado de um professor tão engajado em seu trabalho como orientador. Isso é um fato.

Aos meus irmãos, Thiago, André e Cleber, que desde o princípio dessa empreitada estiveram ao meu lado, acreditando no meu potencial e me estimulando a sempre seguir em frente.

Agradeço a presença implicada das minhas queridas cunhadas, Beatriz e Ludmilla, sempre cuidadosas.

Aos meus sogros, Silvania e Anselmo, sempre presentes quando a “corda aperta” fazendo um *holding* como ningüém.

Aos ouvintes do *podcast* Psicanálise de Boteco, que acompanham a minha ansiedade e me encorajam a cada devolutiva nas redes sociais. Se existe uma definição melhor de “identificação cruzada”, eu desconheço.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por ter custeado essa pesquisa, agora transformada em livro, mediante a concessão de uma bolsa de mestrado vigente sob o processo n. 161589/2021-7.

À professora doutora Samantha Dubugras Sá, que colaborou com diversos apontamentos valiosos para a escrita deste trabalho.

À querida Vera Maria Guilherme, segunda leitora oficial deste trabalho, responsável por tecer comentários preciosos à expansão dele.

Às professoras doutoras Paula Regina Peron e Anna Silvia Rosal de Rosal, pelas contribuições valiosas pontuadas no meu exame de qualificação e por terem aceitado compor a banca de defesa que originou este livro.

Ao meu avô, Luiz (*in memoriam*), que mesmo tendo estudado apenas até a quarta série do ensino fundamental sempre quis que nós, seus netos, estudássemos e nos tornássemos “doutores”. Vô, eu ainda não me tornei doutor, mas as suas palavras sempre me acompanham em cada fase desse processo.

À minha mãe, Marlene (*in memoriam*), por ter dedicado sua vida e sua saúde para que eu e meus irmãos tivéssemos um bom desenvolvimento emocional, abastecido de equilíbrio e segurança. Minha mãe

era capaz de abdicar de algo que lhe era caro se percebesse que serviria melhor a outra pessoa mais necessitada. Esse amor livre de interesse, para mim, é a mais pura definição de amor incondicional. Como reflexo desse espelhamento aprendemos o significado das palavras: integridade, dignidade e, sobretudo, empatia.

Prefácio

Dois estilos, duas concepções

Alfredo Naffah Neto¹

A interpretação constitui, sem dúvida alguma, a ferramenta clínica mais usada na psicanálise e a mais comum a todas as escolas psicanalíticas, muito embora a sua utilidade e as suas indicações difram de linhagem para linhagem.

Assim, quando alguém resolve fazer, como dissertação de mestrado, uma pesquisa comparando as convergências e divergências entre dois gigantes da psicanálise: Melanie Klein e Donald Winnicott, no tocante às suas concepções e aos seus usos da interpretação no processo psicanalítico, temos de ficar agradecidos. Quando essa pesquisa é realizada a partir de dois casos clínicos completos, de psicanálise infantil, dos dois autores, a importância do trabalho torna-se ainda maior, pois é sobre o material vivo *em processo* que a pesquisa se realiza.

Pois o livro que agora lhes chega às mãos é o resultado dessa dissertação de mestrado de Filipe Pereira Vieira, que tive o prazer de orientar e foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP, em 2023.

¹ Psicanalista. Professor titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP e membro do IBPW e da *Internacional Winnicott Association*.

Sem querer entrar no conteúdo propriamente dito do livro, no qual esses diferentes estilos e conceções são comparados e discutidos nas suas filigranas, gostaria de, a nível de abertura, apontar algumas características das duas tradições clínicas que Klein e Winnicott abriram, e que vieram tomar forma especialmente por meio dos seus seguidores.

No primeiro grupo, autores como Hanna Segal, Herbert Rosenfeld e mesmo Wilfred Bion – na sua fase mais nitidamente kleiniana – caregaram a interpretação como ferramenta terapêutica para os mais diferentes rincões da clínica psicanalítica, incluídos aí os pacientes esquizofrênicos. Apenas à guisa de exemplo, cito Bion, na sua apresentação dos pacientes e na descrição da técnica por ele utilizada, no texto “Notas sobre a teoria da esquizofrenia”:

O material clínico foi retirado da análise de seis pacientes: dois eram viciados em drogas, um era um caso de ansiedade obsessiva com traços esquizoides e os três restantes esquizofrênicos, que na análise apresentaram alucinações bem marcadas que perduraram por quatro a cinco anos. Desses três, dois revelaram traços paranoides acentuados e um deles, depressão. Não me afasto do procedimento analítico que costumo empregar com neuróticos, tomando cuidado para sempre considerar tanto os aspectos positivos quanto os aspectos negativos da transferência. (Bion, 1953/1967, pp. 27-28)

Entenda-se aí, por procedimento analítico com neuróticos, o uso generalizado da interpretação: Bion a utilizava para devolver – digeridos e simbolizados – os processos de clivagem e de identificação projetiva maciça realizados pelos pacientes esquizofrênicos, de maneira metódica e minuciosa, extraiendo resultados terapêuticos importantes.

Na contramão dessa forma de pensar e atuar, a clínica winnicottiana limitou bastante o uso da interpretação, utilizando-a somente com

pacientes neuróticos e, em parte, com pacientes depressivos. No caso de pacientes com defesas psicóticas, como os *borderline* e os esquizoides, era utilizada apenas quando conseguiam – de alguma forma – entrar numa *neurose de transferência* com o analista, conforme tentei demonstrar num texto já publicado (Naffah Neto, 2023, pp. 270-275).

Nesse mesmo texto, levantei a questão da inutilidade da interpretação segundo a concepção winniciottiana, quando o paciente entra numa *psicose de transferência*, ou seja, numa *regressão a estágios de dependência*, na qual, segundo esse autor, a figura do analista desaparece totalmente de cena, vindo ele a se tornar a figura primária do paciente em questão (mãe, babá, cuidadora). Portanto, passa a ser vivenciado apenas como *objeto subjetivo*, desaparecendo inteiramente como *objeto objetivo*, ao contrário da neurose de transferência, na qual, embora ele represente uma figura primária do paciente, ele continua, ao mesmo tempo, sendo vivenciado como analista, numa polivalência. Assim, numa tentativa de explicar a inutilidade da interpretação nesses estados, afirmei:

Resumidamente, pode-se dizer que, quando regredidos a fases de dependência, os pacientes entram em psicose de transferência, na qual desaparece a posição dupla e simultânea do analista como objeto subjetivo e como objeto objetivo, característica da neurose de transferência. Na psicose de transferência, o analista é visado somente como objeto subjetivo. Também desaparece aí a dupla inscrição passado/presente: Winnicott pensa que, nessas ocasiões, o paciente retorna ao passado, e o analista torna-se efetivamente a sua mãe, em vez de simplesmente representar a sua mãe. Nessa condição, a interpretação não tem qualquer função discriminatória, já que objeto e tempo se tornam unívocos, perdendo toda a polivalência simbólica. (Naffah Neto, 2023, p. 97, nota 13)

É preciso esclarecer, entretanto, que, diferentemente de Bion, a interpretação winniciotiana – quando utilizada – não se debruça sobre mecanismos de defesa psicóticos e/ou neuróticos, mas sobre a transferência, procurando discriminar tempos e figuras. Por essa razão, torna-se inoportuna na psicose de transferência.

Essas parcias considerações visam tão somente aquecer um pouco a leitura fascinante que os aguarda.

Aí a interpretação psicanalítica é descrita e discriminada com detalhes, tanto no uso kleiniano como no uso winniciotiano, sendo que – no caso de Winnicott – entra, também, em cena uma outra ferramenta clínica extremamente importante: o *manejo*.

Mas não quero lhes tirar o prazer da leitura e da descoberta, adiantando coisas demais. Gostaria apenas de lhes dizer que a pesquisa que deu origem ao livro foi realizada com extremo cuidado e esmero, por um pesquisador que se lançou de corpo e alma à tarefa.

Gostaria, pois, de dar as boas-vindas a este livro, que vem somar esforços à difícil e necessária tarefa de iluminar, cada vez mais, o nosso caminhar como psicanalistas no desvendamento da alma humana.

Abril de 2024.

Referências

- Bion, W. R. (1967). Notas sobre a teoria da esquizofrenia. In W. R. Bion, *Estudos Psicanalíticos Revisados*. Imago. (Texto originalmente publicado em 1953).
- Naffah Neto, A. (2023). *Veredas psicanalíticas: à sombra de Winnicott*. Blucher.

Prólogo

Winnicott e Klein: o par perfeito para uma clínica viva e atual

Alexandre Patricio de Almeida¹

O Eu encontra-se enfraquecido pelo conflito interno; temos que ir em seu auxílio. É como em uma guerra civil que tem de ser decidida pelo socorro de um aliado vindo de fora.

(Freud, 1940/2016, p. 87)

Na famosa e bem escrita biografia de Melanie Klein, a autora canadense Phyllis Grosskurth apresenta uma série de passagens que contam a relação um tanto quanto ambivalente da Grande Dama da psicanálise (e seus fiéis escudeiros) com D. W. Winnicott. Ao revisitar essa obra, alguns trechos, em específico, despertaram minha atenção. Enumero-os a seguir:

1 Psicanalista. Mestre e doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Autor de diversos livros e artigos científicos, dentre eles *Perto das trevas: a depressão em seis perspectivas psicanalíticas* (Blucher, 2022) e *Por uma ética do cuidado, volumes 1 (Ferenczi) e 2 (Winnicott)* (Blucher, 2023). Publicou, recentemente, o livro *Muito além da formação: diálogos sobre a transmissão e a democratização da psicanálise* (Blucher, 2023). Membro da International Winnicott Association (IWA). Criador do podcast Psicanálise de Boteco. Atualmente, realiza um estágio de pós-doutorado na PUC-SP, trabalhando com a comparação das diferentes linhagens psicanalíticas. Em 2023, foi finalista do Prêmio Jabuti, na categoria de Ciências, com o livro *Psicanálise de boteco: o inconsciente na vida cotidiana* (Paidós, 2022).

1. *Em certa ocasião, ao levar Pearl King de carro para casa depois de uma Reunião Científica, Winnicott, quase aos prantos, exclamou: “Se ao menos a Sra. Klein reconhecesse por uma única vez que tomou uma ideia de empréstimo de outra pessoa!”.* O problema de Klein com Winnicott era que ele era independente demais e provavelmente não discutia os artigos com ela de antemão. Ao que tudo indica, ela achava difícil tolerar uma situação em que ele se considerava em pé de igualdade com ela. (Grosskurth, 1992, p. 400)
2. Winnicott levou seu artigo para a reunião editorial de 1951, na qual seria feita a escolha de artigos para a edição do septuagésimo aniversário do Journal. Klein quis que ele revisasse o artigo, para que incorporasse com mais clareza as ideias dela. Ele se recusou a fazê-lo; e, com o manuscrito debaixo do braço, deixou a sala desgostoso. Como disse mais tarde à esposa: “Parece que a Sra. Klein já não me considera um kleiniano”. Para Melanie Klein, era o fim da cooperação entre eles; [...] Winnicott guardou afeição e admiração por ela até o fim. A posição depressiva (com modificações) constituía uma parte intrínseca do pensamento dele. (Grosskurth, 1992, p. 424)
3. *No entanto, apesar de suas diferenças de temperamento, Winnicott se sentia enormemente atraído por ela. [...] Klein era a bailarina para quem Winnicott estava sempre oferecendo alguma coisa, que ela rejeitava com um meneio da cabeça, como que para dizer que já tinha aquilo. [...] Certa noite, em 1957, ele lançou-se num longo desabafo a respeito de suas queixas contra Klein para um membro do grupo independente. De repente, sorriu: “Mas, sabe... ela é realmente um amor!”.* (Grosskurth, 1992, p. 426)

Escolhi compartilhar esses fragmentos pois eles nos fornecem uma ideia de como era a *relação pessoal* entre esses dois autores gigantes da história da psicanálise. É claro que essa visão é apenas parcial, considerando o fato de que não temos acesso aos bastidores dessas trocas, tampouco à intimidade desse vínculo. Mas, ainda assim, é possível perceber algo de muito ambivalente no contato de Klein com Winnicott e vice-versa.

Vale lembrar que, antes de se tornarem psicanalistas, esses indivíduos eram igualmente seres *humanos*, cada um com suas próprias singularidades e trajetórias de vida.

Klein era uma mulher divorciada, sem formação acadêmica, com uma vivência profundamente atravessada por lutos dolorosos. Winnicott, por sua vez, era médico pediatra, trabalhou por mais de 40 anos no *Paddington Green Hospital*, teve uma infância privilegiada, sendo bastante amado por suas duas irmãs mais velhas. São histórias diferentes que, sem dúvida alguma, exerceram uma influência direta na maneira como esses autores delinearam as suas matrizes teórico-clínicas.

Resumidamente, todo o arcabouço kleiniano se ergue a partir da premissa do instinto (pulsão) de morte (*death instinct*) que, para Klein, diferentemente de Freud, tinha uma vertente puramente destrutiva. Em contrapartida, a linhagem winnicottiana desconsidera esse conceito, criando alternativas consistentes no que tange à compreensão das raízes da agressividade. Aqui, recorro a Grosskurth novamente:

Clare Winnicott dizia-lhe que, desde o momento em que abriu os olhos para o mundo, ele [Donald] soube que era amado, e provocava-o dizendo que ele sofria de “benignidade”. Poderiam duas pessoas ter sido mais diferentes do que Donald Winnicott e Melanie Klein? Como ele poderia acreditar em agressividade inata e em instinto de morte? Contudo, Clifford Scott afirma que, à sua maneira, Klein também era humilde, pois sabia que tinha

muito a aprender. [...] Talvez a diferença entre eles fosse que Winnicott se mostrava disposto a aprender com os outros, ao passo que Klein tinha de aprender tudo por si mesma. (1992, pp. 425-426, colchetes meus)

Independentemente desses pontos de vista, o fato é que Winnicott sempre foi grato a Klein, sabendo reconhecer as contribuições e as influências kleinianas em sua própria formação psicanalítica (Winnicott, 1962/2022).

No entanto, para desânimo de muitos defensores do pensamento democrático, essa abertura ao debate raramente aparece nos círculos psicanalíticos. Os analistas, em sua maioria, demonstram certa imaturidade para reconhecer o trabalho de colegas que não se alinham com suas preferências teóricas. Esse isolamento científico obstaculiza o diálogo e o progresso, conduzindo a um resultado contrário ao desejado: ao invés de fomentar a originalidade, cristaliza-se um dogmatismo que se perpetua mais por repetição do que por inovação.

Com isso, quero dizer que os trabalhos desses dois autores, assim como os de qualquer grande pensador, não são – e nem deveriam ser – tratados como escrituras sagradas. Embora sejam clássicos e indispensáveis para a nossa formação, eles devem estar sujeitos à crítica. Além disso, esses textos não são propriedade pessoal de ninguém; eles compõem uma espécie de acervo coletivo, por assim dizer, que constitui os alicerces fundamentais da psicanálise. Por isso é tão importante que saibamos revisitá-los a partir de uma postura crítica (e implicada).

Pois bem, é exatamente essa atitude que os leitores irão encontrar nas próximas páginas. Filipe Pereira Vieira realiza, neste livro, um estudo rigoroso do significado e da função do trabalho interpretativo para Klein e Winnicott. Para tanto, ele começa o seu percurso pelas bases, apresentando a definição do conceito de “interpretação”, de acordo com a definição preconizada por Freud. Em seguida, Filipe destaca como cada um desses dois teóricos expandiu ou divergiu das ideias

freudianas, trazendo à tona os desdobramentos dessas divergências na prática clínica e, também, na fundamentação epistemológica.

Nesse sentido, o autor “não dá ponto sem nó”; ele seleciona cuidadosamente duas narrativas clínicas publicadas na íntegra por Klein e Winnicott, os casos Richard e Piggle, que nos oferecem uma oportunidade única de observar suas teorias *em ação*. Filipe se concentra nesses estudos de caso não apenas para destacar as técnicas empregadas por cada autor, mas também para explorar as sutilezas de seus métodos, revelando como as diferenças se refletem no tratamento clínico. Essas divergências reforçam a importância das trajetórias pessoais de ambos os autores na formação de suas respectivas “posturas clínicas”.

Ao examinar o caso Richard, Filipe descreve como Klein utilizou suas noções de fantasias inconscientes, posições esquizoparanóide e depressiva, e inveja inata para interpretar as ansiedades e defesas do jovem paciente. Já no seu texto sobre o caso Piggle, Filipe mostra como Winnicott aplicou a sua teoria do desenvolvimento emocional, enfatizando a importância do ambiente facilitador e da relação mãe-bebê na formação do verdadeiro e do falso *self*. Nessa parte do trabalho, nos deparamos com outro conceito criado por Winnicott: a noção de *manejo* – que é muito bem explicada ao longo do livro.

Essa análise cuidadosa, que integra teoria e prática clínica, esclarece os fundamentos de cada uma dessas duas correntes psicanalíticas, explorando as implicações práticas de suas diferenças e semelhanças. Filipe salienta que, ao compreender essas nuances, profissionais e estudantes de psicanálise podem *afinar* a sua escuta – tal como afinamos um instrumento musical –, ajustando-a às necessidades individuais dos analisandos, sem se prender rigidamente a dogmas ou fórmulas fixas.

Seguindo essa linha de pensamento, o autor questiona a eficácia de ambas as correntes, argumentando que uma intervenção psicanalítica pode exigir a combinação de métodos, ou, no mínimo, uma reflexão sobre quando e como cada técnica é mais adequada. Ele aponta, sem

hesitação, os limites de cada teoria, incentivando uma discussão franca sobre seus méritos e limitações, algo essencial para o progresso da psicanálise e para preservar a dignidade científica da nossa disciplina – como o próprio Freud idealizava.

Filipe busca, com isso, reacender o debate sobre a necessidade de inovação na nossa área, defendendo que a verdadeira originalidade surge da capacidade de reexaminar, e, quando necessário, reformular os postulados tradicionais. Assim, este livro é um chamado à reflexão e à ação, uma exortação para que os psicanalistas contemporâneos abracem a diversidade de pensamento como uma fonte indispensável de inquietação.

Essa premissa parece óbvia, porém recentemente tive o desprazer de me deparar com a seguinte colocação feita por um colega do meu círculo pessoal: “Hoje em dia há pessoas que se autodenominam psicanalistas e parecem saber tudo sobre todas as teorias, o que me soa no mínimo incoerente, já que, para mim, é impossível alguém ser experiente em Freud, Ferenczi, Winnicott, Klein, Bion etc.” Ora, uma afirmação desse calibre é justamente o oposto da proposta que Filipe apresenta, pois negar a possibilidade de um estudo comparativo entre as diversas teorias psicanalíticas é, na verdade, se prender a uma limitação imposta pelo medo de ultrapassar o conhecido.

A psicanálise, como campo do saber, sempre prosperou graças à intersecção de diferentes perspectivas teóricas. A capacidade de um psicanalista transitar entre as contribuições de Freud, Ferenczi, Winnicott, Klein, Bion e tantos outros não representa uma contradição; ao contrário, demonstra um verdadeiro comprometimento com a pesquisa e, acima de tudo, com a primazia da clínica. Longe de se tratar de uma incoerência, essa habilidade exige uma “mente aberta”, típica de um pesquisador. Aliás, é justamente essa flexibilidade que garante a evolução e a relevância contínua da psicanálise. Assim, ao rejeitar a ideia de que um psicanalista pode ser versado em várias teorias,

corre-se o risco de estagnar um campo que é, por essência, dinâmico e está em constante evolução.

Afirmações desse nível denunciam uma verdade incontestável: a necessidade premente de aprender a cultivar uma mentalidade mais aberta e integrativa, isto é, a “mente do analista” propriamente dita, como propôs Luís Claudio Figueiredo:

Conheci gente que sabia tudo de Freud, de Lacan, de Winnicott, de Melanie Klein, de Bion etc., mas não sabia ouvir e pensar, gente que nem imaginava o que fosse o trabalho da psicanálise no encontro entre inconscientes. Teorias, mesmo boas teorias, não criam os fundamentos da mente do analista. [...] Contudo, não podemos subestimar a contribuição que os estudos podem oferecer ao cultivo da função psicanalítica da personalidade. (Figueiredo, 2023, p. 210)

Ao encorajar essa integração, estamos cultivando uma psicanálise que não só responde às transformações do presente, mas se prepara para as incertezas do futuro. É o que penso sobre a noção de “mente do analista”, à qual se refere Figueiredo. Esse movimento envolve a criação de um ambiente propício à exploração de novas ideias, sempre com um rigoroso embasamento acadêmico, cabe destacar.

Annie Ernaux, ao receber o Prêmio Nobel de Literatura em 2022, salientou em seu discurso: “Esse comprometimento com a escrita [...] se sustenta na crença, tornada certeza, de que um livro pode contribuir para mudar a vida de uma pessoa, para romper a solidão das coisas sofridas e enterradas, *para pensar em si mesmo de um jeito diferente*” (2023, p. 19, grifos meus). Parafraseando a autora, eu diria que a escrita de Filipe tem o potencial de desempenhar um papel similar em nosso meio científico: ele rompe a solidão da arrogância e nos convoca a pensar em nossa conduta *de um jeito diferente*.

O livro que o leitor tem em mãos nos convida a adotar uma postura tanto crítica quanto receptiva, indo além da simples aceitação da diversidade teórica como algo dado. Ele nos incentiva a celebrar essa pluralidade, reconhecendo e respeitando as diferenças que a enriquecem.

Sem mais delongas, que possamos mergulhar neste conteúdo, que já se tornou uma referência essencial em nossa área (ainda que eu seja suspeito para dizer isso!).

Referências

- Ernaux, A. (2023). *A escrita como faca e outros textos*. Fósforo.
- Figueiredo, L. C. (2023). Em torno da formação do analista: como ir além da reserva de mercado. In A. P. Almeida (Org.), *Muito além da formação: diálogos sobre a transmissão e a democratização da psicanálise*. Blucher.
- Freud, S. (2016). *Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados*. Autêntica. (Trabalho original publicado em 1940).
- Grosskurth, P. (1992). *O mundo e a obra de Melanie Klein*. Imago.
- Winnicott, D. W. (2022). Enfoque pessoal da contribuição kleiniana. In D. W. Winnicott, *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1962).



É comum, ainda hoje, muitos psicanalistas agruparem a Escola Inglesa de Psicanálise em um mesmo conjunto, anulando as singularidades dos autores que a compõem. Também é frequente, em nosso campo, esquecermos das influências que o pensamento de um autor exerceu sobre o outro – negando suas origens históricas. A obra de Filipe Pereira Vieira segue exatamente pela via oposta, pois o autor realizou uma pesquisa profunda e rigorosa sobre as convergências e as divergências da interpretação psicanalítica para Klein e Winnicott. Valendo-se de uma escrita envolvente, despretensiosa e didática, Filipe nos convida a mergulhar nesses dois universos que, paradoxalmente, são tão distintos e, por vezes, tão similares. Para tanto, ele empreende uma análise minuciosa dos famosos casos Richard e Piggle. Posso afirmar, com segurança, que este livro se consagra como um clássico indispensável à nossa prática clínica.

Alexandre Patrício de Almeida

Psicanalista, mestre e doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2581-2



9 788521 225812



www.blucher.com.br

Blucher



Filipe Pereira Vieira

**A interpretação
psicanalítica**

Revisitando Klein e Winnicott

Blucher

Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

A interpretação psicanalítica

Revisitando Klein e Winnicott

Filipe Pereira Vieira

ISBN: 9788521225812

Páginas: 232

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
